

ANTON MAKARENKO: CAMINHOS ALTERNATIVOS NA REALIDADE EDUCACIONAL ATUAL¹

FERREIRA, João Vicente R. - UNOPAR
João.vicente@unopar.br

MARAFON, Fátima – UNOPAR
Marafon794@hotmail.com

SANTOS, Adriana Regina de Jesus – UEL – UNOPAR
adrianatecnologia@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O nosso artigo objetiva confrontar alguns aspectos da realidade educacional e algumas posturas de nós educadores com as propostas pedagógicas de Anton Makarenko, educador ucraniano, que desafiado a trabalhar com pequenos infratores num contexto bastante precário, jamais perdeu o ânimo, pelo contrário, com o otimismo que o caracteriza, realizou sua missão com profundo sentido de busca da verdade dos métodos, de si próprio e do outro.

Justifica-se pelo encantamento na descoberta de um autor que soube em outros tempos enfrentar situações tão parecidas com as que enfrentamos hoje em nossas instituições educacionais, mantendo fidelidade aos princípios do trabalho e da coletividade, caminhos estes que hoje de modo muito especial são, não somente necessários, mas, indispensáveis quando o que move o educador é o desejo e o compromisso de formar o ser humano integral.

Para a realização deste estudo utilizou-se a pesquisa tendo como parâmetro o primeiro volume do Poema Pedagógico de Anton Makarenko, escrito em 1935. O texto está dividido em duas partes. Na primeira, brevemente, trazemos presente as atuais propostas a nível nacional e estadual, para a educação. Na segunda apresenta-se o pedagogo Anton Makarenko e logo após, utilizando-nos das citações do primeiro volume do Poema Pedagógico refletimos sobre os princípios do pedagogo soviético e questionamos algumas posturas muito freqüentes na atual prática pedagógica.

¹ Artigo apresentado ao curso de Pedagogia, na matéria de Estudos Dirigidos Interdisciplinares na Universidade Norte do Paraná.

Como foi para nós esperamos que também para os leitores seja um estímulo a aprofundar o conhecimento científico sobre a teoria e a prática do grande educador, Anton Makarenko.

2. O CONTEXTO EDUCACIONAL ATUAL

Vive-se momento de grande inquietude no que diz respeito à educação nos nossos tempos. Por um lado, pais que não sabem “o que fazer” com seus filhos, e delegam à escola o papel de educá-los, por outro, a própria escola vive em constante “crise” por não dar conta das demandas dos seus educandos. Já nas décadas de 70 e 80 quando se buscou expandir as oportunidades de escolarização, avaliava-se que, por um lado, aumentara o número de matrículas, por outro, porém, o alto índice de repetência e evasão revelou que a escola não estava dando conta, pois não era suficiente levar as crianças para dentro da escola, pelo contrário mostrava-se necessário a “revisão do projeto educacional do país, de modo a concentrar a atenção na qualidade do ensino e da aprendizagem (PCN, 1997, Vol. 1 p.19)”.

Viu-se então um grande empenho a fim de alcançar o objetivo de melhorar a qualidade da educação brasileira. Foram ações, reflexão, discussão, que se concretizaram em leis, decretos, resoluções, pareceres, nos diferentes níveis, nacional, estadual e municipal. Entre eles temos:

- O Plano Decenal de Educação para todos (1993-2003) que

em consonância com o que estabelece a Constituição de 1988, afirma a necessidade e a obrigação de o Estado elaborar parâmetros claros no campo curricular capazes de orientar as ações educativas do ensino obrigatório, de forma a adequá-lo aos ideais democráticos e à busca da melhoria da qualidade do ensino nas escolas brasileiras. (PCN, 1997, vol.1, p.15).

- A Lei 9394 de 20 de Dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e que assim se expressa respeito à educação:

Dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mundo do trabalho (LDB Art. 2º).

➤ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª séries, 1997 e 5ª a 8ª séries 1998) referenciais para a educação no Ensino Fundamental em todo o País

[...] a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos. Essa igualdade implica necessariamente o acesso à totalidade dos bens públicos, entre os quais o conjunto dos conhecimentos socialmente relevantes (PCN, 1997, Vol. 1, p. 13).

➤ O Referencial Curricular Para a Educação Infantil (1998) que

Visa contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras (RCNEI, (1998, p. 13).

No Estado do Paraná, após vários anos de reflexão, estudo e organização, o Currículo Básico com as Diretrizes Curriculares Estaduais, quer recuperar e garantir mais uma vez a qualidade da educação dando ênfase aos conteúdos científicos e aos saberes escolares das disciplinas que compõem a grade curricular e não às competências e habilidades como era anteriormente.

Por fim na Conferência Nacional da Educação Básica, realizada em Abril de 2008 definiu-se a realização da Conferência Nacional de Educação – CONAE, para abril de 2010, a partir do tema central: Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação: O Plano Nacional de Educação, Diretrizes e Estratégias de Ação.

O Documento-Referência da mesma chegou no final do mês de abril de 2008 nas mãos de ‘alguns’ professores. Na introdução do mesmo se lê:

A expectativa é que este documento referência possa ser amplamente disseminado e debatido, tendo como resultado a significativa participação dos diferentes atores sociais e, desse modo, sirva de referencial para se **estabelecer e consolidar as políticas e a gestão da educação demandadas pela nação**. A CONAE deverá, portanto, constituir-se em espaço social de discussão da educação brasileira, articulando os diferentes agentes institucionais, da sociedade civil e dos governos, em prol da construção de um projeto nacional de educação e de uma Política de Estado. Assim, **é fundamental garantir ampla mobilização e participação democrática nas conferências**

municipais e estaduais, assegurando mais representatividade e participação na Conferência Nacional (p. 4 grifo nosso).

Desejamos chamar a atenção antes de mais nada ao fato que em muitas instituições nem se fala desse Referencial, em outras se fala há pouco tempo e até se busca conhecer para favorecer uma participação ativa pelo menos da parte dos professores mas boa parte deles o receberam com muito pessimismo, e pouco entusiasmo, fixados na idéia de que será mais um documento bonito, bem elaborado, mas que tende a somar-se aos demais enquanto não é acompanhado da vontade política de que se torne realidade. Essa falta de entusiasmo e, por conseqüência, de compromisso com uma mudança que só poderá ocorrer se todos acreditarem e fizerem a sua parte exigindo das demais instâncias o que lhe cabe, talvez se justifica pela consciência já expressa respeito aos PCNs e repetida para o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, quando na introdução afirmava:

Se por um lado, o Referencial pode funcionar como elemento orientador de ações na busca da melhoria de qualidade da educação infantil brasileira, por outro *não tem a pretensão de resolver os complexos problemas* dessa etapa educacional. A **busca de qualidade do atendimento envolve questões amplas** ligadas às políticas públicas, às decisões de ordem orçamentária, à implantação de políticas de recursos humanos, ao estabelecimento de padrões de atendimento que garantam espaço físico adequado, materiais em quantidade e qualidade suficientes e à adoção de propostas educacionais compatíveis com a faixa etária nas diferentes modalidades de atendimento, para as quais este Referencial pretende dar sua contribuição (RCNEI, vol. 1, p. 14 grifos nossos).

Ora, a idéia que se defende é que realmente em questão de educação é necessário prosseguir “contra corrente”, pois somos que não basta multiplicar os documentos escritos, o problema está nas “questões amplas ...” acima citadas e destacadas. Pois, no que diz respeito ao que nós chamamos de “vontade política”, escrutada nas suas entrelinhas, não parece estar a favor de uma educação que leve a criança e o jovem ao exercício da plena cidadania.

Entretanto, quem escolhe ocupar-se de educação deve fazê-lo consciente de tudo isso e capaz de arcar com as conseqüências desta escolha.

É nesse sentido que queremos nos deixar iluminar pela experiência do mestre ucraniano Anton Makarenko. A sua obra lançará raios de luz sobre a nossa busca do sentido da educação nos nossos dias.

3. ANTON SEMIÓNOVITCH MAKARENKO

Nasceu na cidade de Bielopólhe, região de Khárkov, Ucrânia, em 1 de abril de 1888, e faleceu em Moscou, em 1 de abril de 1939. Filho de família operária - seu pai era ferroviário – Makarenko dedicou-se desde jovem à educação. De 1905 a 1914 lecionou em escolas primárias populares e após ter concluído o Instituto Pedagógico de Poltava em 1917 administrou as escolas de Kriúkov e Poltava.

Mas a sua grande epopéia educacional começou de 1920 em diante, quando, durante 16 anos, dirigiu as instituições educacionais “correcionais” para crianças e adolescentes abandonados, que o tornaram famoso: a Colônia Maxím Gorki (em Poltava, 1920 a 1928), e a Comuna F.M. Dzerjinski (em Kárkov, 1927 a 1935) (BELINKY, 1985, p. 7).

Na sua formação, Makarenko fora profundamente influenciado pelo escritor e humanista russo M. Gorki, com o qual mantinha correspondência e que apreciando o trabalho de Makarenko e reconhecendo o significado pedagógico do mesmo lhe aconselhou de escrever. Desse modo surgia em 1935 a sua obra-mestra , o Poema Pedagógico em três volumes. Escreveu também o Livro para os Pais (1937) e Bandeiras nas Torres (1938).

Nós tomaremos em consideração especialmente o primeiro volume do Poema Pedagógico, enquanto traz o início de uma experiência, a crise pela falta de predecessores, a busca de estratégias, a importância do estudo dos fundamentos pedagógicos, e ao mesmo tempo a coragem e a ousadia para a inovação, devendo superar todo tipo de barreiras. No confronto com a obra de Makarenko queremos confrontar nossa prática e encontrar subsidio para prosseguir com otimismo nosso ser educadores.

3.1 A ASSUSTADORA MISSÃO

A obra inicia com a narração da sua conversa com o chefe do Departamento de Educação da Província, o qual após criticar bastante o trabalho dos pedagogos afirmando que eles entendem bem de livros, mas que diante do ser humano eles “tremem de medo”, lhe manda, sem dar espaço para

questionamentos, para o trabalho com os “moleques abandonados”, anunciando que se trata de “Educação Social”, voltada a formar o “homem novo”.

Não existia nenhuma digna estrutura material, o que encontrou ao chegar no local reservado para a concretização da tal colônia foram vestígios da antiga colônia que anos antes fora dirigida por velhos militares que

Pelos relatos dos camponeses vizinhos podia-se deduzir que a pedagogia desses “tios” não primava pela complexidade. A sua expressão exterior se limitava a um instrumento da simplicidade de um porrete (p. 16, grifo do autor).

Tudo o que poderia ser materialmente útil fora levado pelos vizinhos. Ao chegar ao local pôde contar unicamente com a presença do chefe do abastecimento Kaliná Ivánovitch, que fora tomado como “primeiro objeto da minha atividade educacional”, afirma Makarenko.

A ausência das condições materiais não fizeram com que o nosso pedagogo perdesse o ânimo ou desdenhasse da sua profissão, pelo contrário

Pusemos mãos à obra. Com o auxílio de escoras, conseguimos colocar de pé o rocinante de trinta anos. [...] No decorrer de dois meses, com a ajuda de especialistas da aldeia, conseguimos pôr mais ou menos em ordem uma das casernas da antiga colônia: colocamos vidraças, consertamos estufas, pusemos portas novas [...] conseguimos arrancar 150 puds (cerca de 16 kg) de farinha de centeio da Comissão Especial de Alimentos do Primeiro Exército da Reserva (p. 18-9).

Outra dificuldade encontrada por Makarenko foi o fato de não ter outros educadores dispostos a “abraçar a causa” com ele. Esta experiência é muito normal nos nossos dias quando ouvimos educadores que após pouco tempo de atividade afirmam terem terminado o período de formação animados e desejosos de fazer a diferença, mas diante da realidade da escola na qual foram inseridos, na qual se defrontaram com o cansaço e a falta de compromisso dos colegas mais velhos, causado na maioria das vezes pelas situações precárias nas quais necessitam trabalhar (salário baixo, número excedente de crianças por turma, falta de material, ...), desistiram de seus “bons propósitos”, pois, começaram a acreditar que não é possível mesmo fazer a diferença. Vale a pena, então, nos confrontarmos com a experiência de Makarenko:

Eu já estava quase me entregando ao desespero, na procura de colaboradores pedagógicos: Ninguém estava disposto a se dedicar à

tarefa de educar o novo homem na nossa floresta. Todos tinham medo dos “vagabundos” e ninguém acreditava que o nosso empreendimento chegaria a um final feliz (p. 19, grifo do autor).

3.2 DA TEORIA PARA A PRÁTICA EDUCATIVA

Chegaram à Colônia duas educadoras e dias depois os seis primeiros educandos. Tudo estava, na medida do possível, minuciosamente preparado. Mas entre o que os educadores esperavam e a realidade dos novos chegados existia alguma diferença, expressa sobretudo na contraposição entre a boa vontade dos primeiros e a indiferença dos segundos, que levava os educadores à crise: “Nos primeiros dias eles nem mesmo nos ofendiam, simplesmente nos ignoravam” (p. 21).

Talvez esta experiência se pareça com a que os educadores narram hoje, quando contam que os alunos em casa têm de tudo, inclusive o acesso à internet e à TV que apresenta tudo de forma colorida e dinâmica e o professor só tem à sua disposição em sala de aula somente “cuspe e giz”? Ou por outro lado, que os alunos não têm nada em casa e vêm para a escola sem nenhum interesse se não aquele de usufruir da merenda?

Makarenko logo cedo percebe a distância existente entre a formação teórica e a realidade na qual se encontrava a ter que intervir:

A floresta solitária que rodeava a nossa colônia, os “caixotes” vazios das nossas casas, a dezena de catres em lugar de camas, um machado e uma pá à guisa de instrumentos e meia dezena de educandos que recusavam categoricamente não só a nossa pedagogia, mas toda e qualquer cultura humana – tudo isso, para dizer a verdade, não correspondia nem um pouco a toda a nossa experiência escolar pregressa (p. 23).

Assumir a crise e a dificuldade de compreender por onde prosseguir e reconhecer o sentimento de impotência, não deixou passivo o mestre Makarenko, pelo contrário o levou à buscar novas estratégias e fundamentalmente, da verdade, por meio de um estudo sério, por meio da sensibilidade, da abertura para colher a realidade que se apresenta no atual contexto. Não adiantaria reclamar da falta de apoio, da falta de material, a questão está em questionar-se e manter-se consciente da real situação, como ele mesmo revela.

Os primeiros meses da nossa colônia foram para mim e os meus companheiros não só meses de desespero e esforço impotente – foram também meses de procura da verdade. Em toda a minha vida eu não li tanta literatura pedagógica quanto naquele inverno de 1920. [...] o resultado principal dessas leituras foi uma convicção firme, e, subitamente, não sei por que, fundamental, de que nas minhas mãos não existia nenhuma ciência nem teoria nenhuma, e que a teoria tinha de ser extraída da soa total dos fenômenos reais que se desenrolavam diante dos meus olhos. [...] vi, que eu precisava não de formulas livrescas, as quais não poderia aplicar aos fatos de qualquer maneira, mas sim de uma análise imediata e uma ação não menos urgente. [...] Todo o meu ser sentia que eu tinha de me apressar, que não podia esperar nem mais um dia supérfluo. A colônia assumia cada vez mais o caráter de um “valhacouto” – um covil de ladrões. No relacionamento entre educandos e educadores cada vez mais se firmava um tom de permanente escárnio e baderna. (p. 24).

As respostas não as encontraremos jamais prontas, e por mais que se renovem as publicações de Referenciais ou Diretrizes, cada situação exige de nós educadores a coragem de arriscar por caminhos novos, que respondam às exigências do ser humano concreto que está diante de nós. Essa coragem necessariamente deve ser temperada com a superação do medo de errar. Acompanhemos um episódio na colônia:

Certa manhã de inverno, sugeri a Zadórov que fosse rachar lenha para a cozinha. E ouvi a costumeira resposta alegre e zombeteira:
 - Vai rachar você mesmo, vocês são muitos aqui!
 Era a primeira vez que ele me tratava por “você”.
 Ofendido e encolerizado, levado ao desespero e à fúria por todos os meses precedentes, levantei o braço e apliquei um bofetão na cara de Zadórov. Bati com força e ele não se agüentou de pé e caiu sobre a estufa. Bati mais uma vez, agarrei-o pelos colarinhos, suspendi-o e o esbofetei pela terceira vez. [...] ele murmurou num gemido lamentoso:
 - Desculpe, Anton Semiónovitch...
 [...] Todos os cinco educandos estavam parados ao lado de suas camas, em silêncio. Burún tentava arrumar qualquer coisa na sua roupa.
 Voltei-me para eles e bati com o atizador no encosto de uma cama:
 - Ou todos vão já para o mato rachar lenha, ou desapareçam da colônia para o diabo que os carregue! (p. 25).

É fundamental que o educador se mantenha sempre presente a si mesmo, dando-se contra de suas escolhas, ações e reações, pois delas dependem diretamente a atitude dos educandos. Ouvimos contar certos episódios especialmente com alunos das séries finais do Ensino Fundamental, que mostra como episódios desagradáveis levam alunos e educadores a assumirem posturas completamente contra toda norma de educação. Nesses casos, pela carência de equilíbrio e de capacidade dos educadores de “gerenciar” certas situações acabam eles mesmos assumindo posturas reprováveis. Da leitura do Poema

Pedagógico resulta claro que o que deu autoridade para o Makarenko se “posicionar”, com tamanha força em relação aos educandos, foi a sua capacidade de colocar-se do lado deles, mantendo uma postura que pouco a pouco fez com que sentissem confiança e segurança, capacidades indispensáveis, se quisermos dar conta do nosso ser educadores hoje mais do que nunca.

Seguindo a leitura do Poema Pedagógico deparamos, de fato, com a reflexão do próprio Makarenko sobre suas convicções.

É preciso notar, entretanto, que nem por um momento eu pensei ter encontrado na violência alguma receita pedagógica onipotente. O incidente com Zadórov me custou mais que ao próprio Zadórov. Comecei a recear que poderia me atirar para o lado do menor esforço (p. 29).

O que chama a atenção na obra de Makarenko é a sua capacidade de ver os rapazes como “gente”. Apesar de todas as situações com as quais tinham de conviver, a fome, o frio, os roubos, as mentiras, por nenhum momento o educador deixou de acreditar na possibilidade dos rapazes assumirem uma vida de homens novos. Por outro lado estava seguro de que os rapazes também olhavam para os educadores e os viam como “gente”, percebendo o quanto esses trabalhavam por eles. De fato no episódio acima citado, com o Zadórov, ele é seguro de que o rapaz seja capaz de ver além da “sova”, o seu comprometimento, ele simplesmente poderia devolvê-lo para a Comissão dizendo que era um caso perdido. “Mas eu não fiz isso, relata o autor, preferindo tomar uma atitude, fazer um ato até perigoso para mim, mas humano e não formal” (p. 30).

O autor desafia-nos então a ir além do formal, a encontrar o ser humano que nos é confiado. A maioria de nós já teve a oportunidade de encontrar-se em corredores de escolas ou secretarias e presenciar fatos nos quais os professores perdem o controle e mandam os alunos “para a direção”, incapazes de enfrentar com realismo a situação, assumindo-se como gente e reconhecendo no educando outro ser semelhante a si próprio. Não têm consciência de que tal postura acaba por tirar ainda mais a sua autoridade diante dos alunos.

Tanto os velhos como os novos colonistas sempre mostraram a convicção de que o pessoal docente não representava uma força hostil para com eles. A razão principal deste estado de ânimo residia indiscutivelmente no trabalho dos nossos educadores, tão desprendido e

obviamente penoso, que de fato infundia respeito. Por isso os colonistas com raras exceções, sempre estavam em boas relações com eles, reconheciam a necessidade de trabalhar e de estudar na escola e compreendiam claramente que tudo isso representava nossos interesses mútuos (p. 72).

As principais “armas” usadas pelo autor e talvez esquecida por nós educadores é a recorrência à coletividade e ao trabalho. Quando um grupo se une ao redor de um objetivo concreto, visível, que poderá ser alcançado graças à contribuição de cada um, que já é conhecido e valorizado por aquilo que pode dar, então o entusiasmo e auto-estima torna possível até o mais alto empreendimento. Se o educador for capaz de assumir uma atitude de valorização e de doação, isso só lhe retornará como recompensa.

Nesse sentido o educador estará “desarmado” e conseqüentemente será capaz de explorar cada momento como único e enriquecedor. É o que se aprende da experiência na colônia, nos momentos de “formação não formal”, nos quais se encontravam todos com a possibilidade de ser “si próprios”, de se expressarem e de participarem de tomadas de decisões sobre os assuntos que interessavam a todos:

[...] nos dormitórios após o chá da noite, aguardavam-nos impacientemente as conhecidas caretas olhudas dos alegres colonistas, com enormes reservas de toda sorte de histórias, mentirosas e verdadeiras, e toda espécie de problemas: atuais, filosóficos, políticos e literários, com todo tipo de jogos e brincadeiras, começando pelo “gato e rato” e terminando com “ladrões e delatores”. Aqui mesmo também se decidiam diversos casos da nossa vida, mexericava-se sobre a vida dos vizinhos - aldeões, projetavam-se detalhes da reforma e da nossa feliz vida futura na segunda colônia (p. 98).

Também o clima propício, o aparente sucesso da nossa prática pedagógica não nos deve permitir cair na tranqüilidade, achando que tudo está pronto. Pois como acontecia na colônia, acontecem em nossos ambientes educativos: os desafios são contínuos e exigem de nós renovada tentativa de soluções.

A colônia está bem, as coisas como que se humanizaram. [...] Mas que desordem, que lixo enchiam a minha alma pedagógica! Deprimia-me um pensamento: será que não vou mesmo descobrir em que consiste o segredo? Pois parecia que eu já tinha tudo nas mãos, só faltava agarrar. Já havia um brilho novo nos olhos de muitos colonistas... e de repente tudo se rompeu tão miseravelmente. Será que eu teria que começar tudo de novo?

Indignava-me a pessimamente organizada técnica pedagógica, e a minha impotência técnica. E eu pensava com repulsa e raiva sobre a ciência pedagógica:

Há quantos milênios ela existe! Que nomes, que idéias brilhantes: Pestalozzi, Rousseau, Natorp, Blonsky! Quantos livros, quantos papéis, quanta glória! E ao mesmo tempo, um vácuo, não existe nada, é impossível haver-se com um só desordeiro, não há um método, nem instrumental, nem lógica, simplesmente não existe nada! Tudo uma “enorme charlatanice.” (p. 127).

Por último então, queremos nos deixar questionar pela capacidade do mestre Makarenko de se inquietar, de não se contentar, de buscar aprender sempre.

Parece-nos fundamental para o educador manter um senso crítico, capaz de avaliar os pensamentos e as idéias, ainda que estabelecidas nos “documentos oficiais”. Somente assim estaremos garantindo a formação das nossas crianças e jovens como afirmamos acima, para o exercício pleno da cidadania. Cure-se porém de não se cair no criticismo pelo criticismo, pelo simples fato de ir contra e de não se comprometer. Nesse caso seria conveniente repensar a própria escolha profissional.

4. CONCLUSÃO

O presente trabalho resultou sobretudo prazeroso, enquanto a sua obra se apresenta com uma linguagem muito simples e envolvente, e provocador, a causa das constantes experiências de impotência diante das situações educativas e da tentação de desanimar ou ficar esperando que as soluções “caiam do céu”. A vida do Makarenko, a sua capacidade de se comprometer com o outro, de enfrentar desafios, de ser criativo, de não desistir ainda que a esperança esteja por um fio, despertou o interesse pela sua obra. A sua constante e incansável busca da verdade, o seu apostar sobre o coletivo e sobre o trabalho, aspectos fundamentais para o ser humano, talvez atualmente poucos explorados, iluminaram a atual prática educativa, deixando em nós o desejo de orientar nossa prática segundo a experiência do “educador soviético” .

De igual importância foi a reflexão sobre a realidade da educação apresentada “nos livros”, ou seja nas propostas que são feitas a nível nacional e estadual e que porém carecem de terreno propício, ou seja, condições favoráveis para a sua concretização, encontrando por isso resistência da parte dos professores, que por sua vez, muitas vezes perderam o sentido e a dignidade da

própria profissão e caíram num mar de lamentações do qual parece impossível levantar, reagir, assumir uma postura que imponha respeito pela qualidade do seu trabalho. Tem-se desse modo um círculo vicioso, segundo o qual são as crianças, adolescentes e jovens, quem acaba perdendo, enquanto se encontram desprovidos de pontos de referência, como tiveram a sorte de ter os jovens da colônia de Gorki.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 1988.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares nacionais*. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.

CONAE 2010. *Documento Referência. Presidência da república, Ministério da Educação, Secretaria Executiva e Secretaria Executiva Adjunta*.

MAKARENKO, Anton S. *Poema Pedagógico*, 3 vols., Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná*. Curitiba: SEED, 1998.

Sites:

BENCINI, Roberta. *Educar para o coletivo*. ESCOLA ON-LINE. Edição 162, Maio/2003. Disponível em http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/162_mai03/html/pensadores.06/Outubro/2003 Acesso dia 05 de abril de 2009.

CARVALHO, Josué de; OLIVEIRA, Walas Leonardo de; COSTA, Wídina Moreira. Um olhar sobre a pedagogia socialista: a contribuição de Makarenko. Disponível em <http://www.fae.ufmg.br/cadernotextos/backup/artigos/artigoll.rtf> acesso 05 de abril de 2009.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. Anton Makarenko: vida e obra – a Pedagogia na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002. (Resenhado por Siomara Borba). Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/1823/1587> Acesso 03 de Abril de 2009.